

Bibliotheca

Film

4847

Num. 13



MADAME SANS-GÊNE

com GLORIA SWANSON



A 2 DE SETEMBRO

## O «Diario da Manhã»

será o jornal “leader” da cinematographia, pela sua secção diaria e, tambem, pelos seus supplementos admriaveis

SOBRE A

Scena Muda Mundial



# BIBLIOTHECA



# FILM

(Titulo registrado)

*Revista trimensal de grandes  
enredos dos films a se exhibir  
no Brasil*



20 DE AGOSTO DE 1925

NUMERO 13

RIO DE JANEIRO

I ANNO



## PREÇOS

### AVULSO

No Rio . . . . . \$800  
Nos Estados . . . . . \$900

### ASSIGNATURAS

Série de 24 numeros

No Rio . . . . . 21\$000  
Nos Estados . . . . . 24\$000

A' VENDA EM TODOS OS PONTOS DE VENDA DE JOR-  
— NAES E NOS CINEMAS ONDE SE EXHIBE O FILM —

Redacção e —  
Administração: Avenida Rio Branco, 134-2° — Rio de Janeiro  
Tel. C. 1099

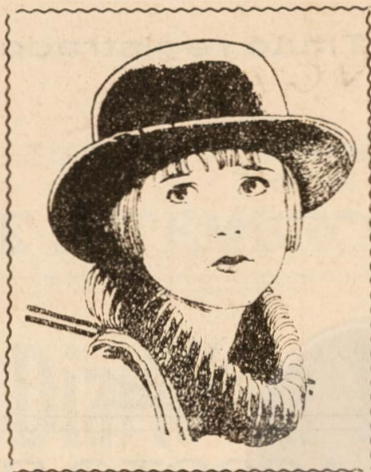
Propriedade da Empresa Graphica Brasileira

# A sua soberba programação de Setembro

## O TRAPEIRO

que é a mais genial das  
creações que trabalham  
em film.

**Jackie Coogan**



Fim metro, cheio de  
espírito e de emoção, em  
que mais uma vez a ge-  
nial creança faz prodi-  
gios.



## NA ARENA DO AMOR

Na arena dos beijos e das  
lagrimas, tres nomes glo-  
riosos lutam:

**RICARDO CORTEZ,  
JETTA GONDAL  
E NOAH BEERI**

— PARAMOUNT —



## LUA DE MEL E... FEL

Delicioso drama de  
amor, com a formosis-  
sima

**NORMA SHEARER**  
e o querido actor  
**CONRAD NAGEL**  
PARAMOUNT



## A ESPOSA DO CENTAURO

Um assumpto novo e  
cheio de imprevistos  
delicadissimos.

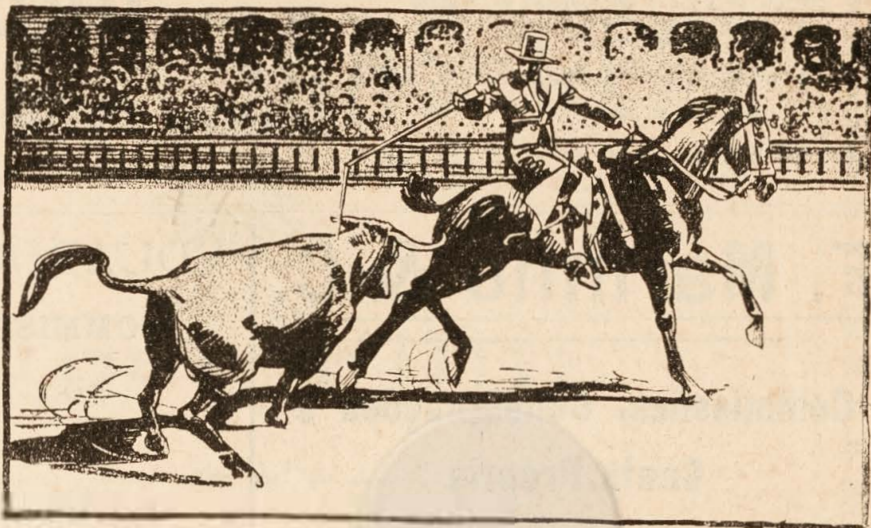
**JOHN GILBERT, ELEO-  
NOR BOARDMAN e AI-  
LEEN PRINGLE**  
Metro

# Paramount-Picture

## O Bandoleiro

Drama da Metro,  
de emocionante en-  
redo, onde encontra-  
reis dois grandes  
artistas que são

PEDRO DE CORDO-  
BA e RENÉE  
ADORÉ



## A melhor modista de Paris

com

LEATRICE JOY E ERNEST  
TORRENCE

Um prodígio de criação no  
grupo de formosas mulheres e  
estonteantes toilettes que apre-  
senta Paramount.



## Dinheiro que endivida

A sedução do luxo,  
perdendo a alma delicada  
de

BEBE DANIELS  
Paramount



## Beijos em excesso

A teia de aranha de  
seda e beijos em que se  
enleia

RICHARD DIX  
Paramount

**COMPANHIA DE LOTERIAS  
NACIONAES DO BRASIL**

Extracções publicas, sob a fiscalização do Governo  
Federal, ás 2 1/2 e aos sabbados ás 3 horas

Rua Visconde de Itaboraahy, 67

— e —

1º de Março, 110 (Edificio proprio)

**SABBADO, 29 DE AGOSTO**

**100:000\$000**

**Inteiro 7\$700 — Decimo \$800**

**F. Marinho & C.**

**Commissões, Consignações e  
Conta Propria**

— RUA DE S. PEDRO, 88 —  
— RIO DE JANEIRO —

**EDUARDO ARAUJO & C.**

**COMMISSARIOS DE CAFE'**

CASA FUNDADA EM 1880

— RUA MUNICIPAL, 28 —

Endereço Teleg.: ZASS — Rio

CAIXA POSTAL, 663

RIO DE JANEIRO

**Ferragens, Tintas, Oleos, Artigos Navaes e de Cosinha**  
**IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO**

**A. Barros & Cia Ltda.**

**Ferramentas para Artes e Officios — Material para Estradas de Ferro**

**RUA URUGUAYANA, 202**

CANTO DA RUA DE S. PEDRO

TELEPHONE NORTE 2299 End. Telegr. "RIO NEGRO"

**Quereis ter uma encanta-  
dora collecção de contos  
de amor ?**

**Colleccionae**

**"BIBLIOTHECA-FILM"**

**J. Dantas & C.<sup>a</sup>**

R. General Caldwell, 67 — Tel. 672

RIO DE JANEIRO

**Fabrica de Vinagres, Licores e Xaropes**

**IMPORTAÇÃO DOS MELHORES VINHOS  
PORTUGUEZES E DO RIO GRANDE**

**A casa mais afamada do genero**

# MADAME SANS-GÊNE



## Super Film

— DA —

### Paramount - Pictures



<i>Catherine Hubscher (Mme. Sans-Gêne),...</i>	<i>GLORIA SWANSON</i>
<i>Napoleão . . . . .</i>	<i>Emile Drain</i>
<i>Lefebvre . . . . .</i>	<i>Charles de Roche</i>
<i>La Rousotte . . . . .</i>	<i>Madeleine Guitty</i>
<i>Neipperg . . . . .</i>	<i>Warwick Ward</i>
<i>Fouché . . . . .</i>	<i>Henry Favieres</i>
<i>Caroline, Rainha de Napoles . . . . .</i>	<i>Arlette Marchal</i>
<i>Eliza, Princeza de Bacciochi . . . . .</i>	<i>Rence Heribelle</i>
<i>Imperatriz Maria Luiza . . . . .</i>	<i>Suzanne Bianchetti</i>
<i>Madame De Bulow . . . . .</i>	<i>Denise Lorys</i>
<i>Savary, ministro da policia . . . . .</i>	<i>Jacques Marney</i>

# Madame Sans-Gêne

Super-produccão da Paramount-Picture



1

ORRIAM os dias tragicos da Grande Revolução que, nas ruas de Paris, erguia as suas labaredas formidaveis, illuminando o mundo inteiro. Os bairros da grande cidade vibravam nesse estremecimento social que, como as aguas d'uma onda colossal, haviam de ir inundar a humanidade, na sua estupenda ancia de liberdade. Caia, sob o guante de ferro d'um povo em revolta, um mundo secular de intransigencias feudaes, de oppressões dynasticas, de preconceitos absurdos. Principiava a grande tragedia que havia de derruir thronos carcomidos e dar a liberdade á Europa e á America. Era, emfim, a revolução agitada pela eloquencia de Desmoulin e feita tyrannia pelo triumvirato de Danton, Robespierre e Marat.

O bairro de St. Antoine, como os de todo o Paris urbano, vivia agitado em cada minuto que passava. Ninguem lhe escapava á influencia victoriosa, nem mesmo aquelles que pareciam viver mais achegados ao throno. Entre o povo o espirito revolucionario era mais puro e mais heroico. Assim acontecia na lavanderia de Catharine Hubscher,

alma de mulher que ardia na febre do patriotismo mais intenso e mais bello.

Emquanto nas tinhas as roupas dos nobres tomavam a alvura com que ellas brilhariam na cõrte cerimoniaosa de Luiz XVI, as mãos grosseiras que porfiavam n'essa vaidade iam tecendo a armadilha em que elles todos pereceriam um dia.

Catherine Hubscher era um genio impulsivo, mas uma alma essencialmente bondosa. Cheia d'um sagrado entusiasmo pelas reivindicacões populares, na sua lavanderia reuniam-se os homens no seio dos quaes a espirito da revolta se agitava. Exasperava-se porque a sua servente lhe deixára frio o ferro com que passava a roupa, chegando a maltrata-la; mas exaltava-se n'um louco entusiasmo ao recordar a entrada triumphal, em Paris, dos milhares de maltrapílhos marselezes que tinham penetrado na cidade cheios de fome, mas cantando em cõro as estrophes magistraes de Rouget de Lisle. No bairro em que se erguia o estabelecimento de Catherine era ella a alma da revolução. Por vezes, o trabalho suspendia-se ao erguer-se a sua voz argentina. O ferro quente parava-lhe nas mãos, e ella entoava o canto sagrado da Patria, com os olhos humedecidos de lagrimas. E todos em volta paravam tambem. E todos, com



ella, entoavam religiosamente o hymno composto em Strasburgo. O povo parava á porta da sordida mansarda, e d'ahi a momentos era de ver velhos, creanças, mulheres, gente de todas as idades e de todas as condições, erguendo a voz que lhe vinha do coração e entoando o grit● magistral:

Aux armes, citoyens!...

Com o seu laço tricolor no peito, os olhos postos no alto, Catherine transfigurava-se, transmittindo aos que a cercavam o ardente entusiasmo que a animava. Quando as ultimas notas do canto heroico resoavam na loja humilde, todos corriam a abraça-la e a beija-la. Era que ella era, no bairro, um coração que fazia o bem. A ternura que o enchia transbordava em auxilio a muita gente sem pão e até a creaturas que, não obstante a sua situação social, atravessavam com difficuldade esse grave periodo da vida nacional. Entre estes estava um pobre tenente de artilharia, chamado Bonaparte, creatura bisonha e concentrada, que inspi-rava a Catherine uma grande sympathia. Enquanto as empregadas da lavanderia ridicularisavam aquelle pobretão do Bonaparte, que só tinha duas velhas camisas, Catherine não consentia que dissessem, na sua presença, mal d'elle e ajudava-o como podia, demorando-se na cobrança das suas contas, levando-lhe ás occultas alimentos, substituindo-lhe as roupas esfarrapadas por outras em melhor estado.

Um dia elle mandára-lhe a seguinte carta:

“Madame. Infelizmente ainda não tenho dinheiro para pagar as contas da lavagem da minha roupa, porque fui obrigado a enviar o pouco que tinha á minha mãe e ás minhas irmãs que foram forçadas a sair da Corsega immediatamente. — N. Bonaparte.”

Na sua alma simples, Catherine comprehendia toda a grandeza d'aquelle gesto de incommensuravel abnegação. E era um official da França, que assim soffria privações, enquanto os nobres, os poderosos, gosavam á farta, mercè do suor do povo! A bondade de Catherine era por vezes censurada pelas suas companheiras.

— E' por isso, diziam, que ella nunca tem dinheiro. Os freguezes nunca lhe pagam o que devem.

Mas Catherine revoltava-se com essas observações descaroaveis:

— Pestes! Fazer pouco dos pobres é um triste divertimento.

E com modos bruscos, asperos, violentos, ordenava á velha e gorducha Rousette que remendasse as meias do sr. tenente Bonaparte, que tinham cada buraco que por elles passava u'a mão fechada. Aquella triste situação do pobre official enchia de tristeza, de immensa piedade. Deus sabia se elle teria em casa com que se alimentar! E desde então surgiu-lhe, teimoso, no cerebro, uma idéa que a perseguiu sem descanso. Catherine vestiu-se e preparou-se para sair.

Entre os frequentadores assiduos da lavanderia contava-se o cidadão Fouché, um homem maneiroso, astuto, de palavras doces e olhar penetrante de aguia. Adivinhava-se-lhe no todo a alma desmedida de um ambicioso. Era dos mais tardios nos seus pagamentos, mas sabia de tal modo captivar as sympathias de Catherine e das suas companheiras, que nunca lhe faltavam as roupas cuidadas, as rendas e collares sempre rigorosamente na moda. Simplesmente, apesar de não se saber q'onde lhe vinha o dinheiro, as suas roupas eram do mais fino tecido e não tinham o aspecto triste das do tenente Bonaparte.

Quando, toda luzida no seu vestido novo, Catherine se dirigia para casa do seu protegido, acontecen de encontrar ainda, conversando com as empregadas, o maneiroso cidadão Fouché. Comparando a sua arrogancia com a modestia de Bonaparte, não se conteve que não lhe dissesse:

— Cidadão Fouché, bem sabe que eu não trabalho pelo amor que tenho a este officio. Quando quer pagar a sua conta?

Fouché não era homem que se intimidasse com estas intimativas, mórmente quando ellas vinham da boca de uma mulher. E, com o melhor dos seus sorrisos, retorquiu:

— Não quer esperar mais algum tempo? O novo governo vae nomear-me para um logar importante.

Nos olhos de Catherine, Fouché viu claramente que ella não acreditava em uma só das suas promessas. Mas, para que não ficasse com a conta de todo em branco, ella foi surripian-do do embrulho um excellente

par de meias, com que presentearia o infeliz Bonaparte. E, enquanto, a occultas, as roubava e escondia, respondia a Fouché com um sorriso na sua boca fresca:

— Esperarei... mas parece incrível que os freguezes que mais estimo nunca tenham dinheiro.

E desfazendo-se em mesuras deante do hypocrita cidadão, Catherine saiu a caminho da casa de Bonaparte, levando um cesto d'onde se viam surgir as flores frescas d'um grande ramo. Bateu á porta do quarto onde vivia, no mais escondido de uma mansarda, aquelle que havia de ser um dia o arbitro dos destinos do mundo. Bonaparte atravessava, então, uma das quadras mais dolorosas da sua vida. Suspeitado pelos exaltados, desprezado pelos realistas, curtia, ao fim da sua brilhante carreira em St. Cyr, as agruras de uma miseria tremenda. Entretanto, no seu cerebro fervilhavam ideias sublimes e no seu coração ardia um amor louco pela sua adorada França.

Usava, então, longos cabellos em desalinho sobre a sua farda quasi em farrapos. A fome mais de uma vez lhe batera á porta, mas não lhe abatera o animo, vendo-o, com o estomago vazio, passar horas e horas debruçado sobre os mappas, estudando os graves problemas estrategicos, com que no futuro assombraria o mundo. Tudo o que se passava á sua volta era-lhe quasi indifferente: revoltas, crimes, anxiedades publicas, até mesmo a miseria do povo. O que lhe enchia o coração era o futuro e a gloria da França, que todo o mundo, neste momento historico, olhava com receio e odiava, mas que elle queria elevar bem alto com o seu saber e a sua energia de patriota. N'aquella pobre mansarda estava o laboratorio genial onde se faziam corpo as glorias maximas da França.

Catherine tinha por Bonaparte uma sympathia alliada a um curioso receio. Aquelle rapaz taciturno e grave inspirava-lhe interesse e medo, ao mesmo tempo. Quando lhe bateu á porta, o coração parecia querer saltar-lhe do peito. Uma voz grave, secca, aspera, gritou de dentro:

— Entre.

E Catherine, impellindo a porta, entrou.

II

Bonaparte estava curvado sobre um grande mappa em que parecia concentrar todas as suas attentões. Nem sequer se déra ao trabalho de reparar quem penetrára no seu quarto. Era este um triste cubiculo, onde mal entrava a luz e em que não havia senão o indispensavel para não se morrer de desconforto. O fogo, nos dias e noites de inverno impiedoso, não devia ser muito, e raros deviam ser os dias em que o estomago do seu inquilino seria reconfortado. Tudo alli dizia que assim devia ser.

Catherine, com o seu bom coração, tudo isto comprehendeu e ainda mais se apiedou. Não seria muito difficil aceitar que essa piedade se poderia transformar em amor. Catherine, suppondo que aquelle rapaz seria como todos os outros, procurou distrai-lo d'aquellas preoccupações do estudo, approximando-se-lhe e tratando de attrair as suas attentões. Foi como se ninguém estivesse junto d'elle. Bonaparte continuou com os olhos pregados ao mappa, sem lhe dar maior attentão. Ella fez ruido, para o despertar e o obrigar que lhe prestasse attentão. Bonaparte ordenou-lhe em termos bruscos que esperasse.

Era de mais! Ter assim tão pouca attentão com uma rapariga que era a maior belleza do seu bairro e que muitos ambicionavam beijar! Havia de conseguir que elle lhe fallasse! Sentou-se-lhe nos braços da cadeira e procurou arrancar-lhe o mappa da frente dos olhos. Um pesado livro veio cair-lhe sobre a mão atrevida, fazendo-a dar um grito de dôr, depois do que Napoleão continuou estudando como se nada tivesse acontecido. Decididamente aquelle officialzinho era um pretencioso.

Mal sabia elle o que Catherine alli lhe trazia na cesta: além d'um bom par de meias rapinado a Fouché, um gostoso frango assado, uma garrafa de vinho e um perfumado ramo de flores. Tudo isso Catherine dispôz sobre uma mesa, para que quando elle se levantasse tivesse a mais agradável das surpresas. Elle havia de acabar de estudar. Os dois iriam comer aquelle frango entre beijos. Era impossivel que não se apaixonasse pela linda Catherine. E enquanto a formosa lavadeira aguardava que

concluisse o fastidioso estudo sobre o mappa, mirava-se ao espelho, alindando-se para melhor lhe agradar. Estava decididamente apaixonada por elle. O seu olhar dizia bem como dentro da sua alma crescia esse sentimento. Tinha uma vontade louca de beijá-lo.

Foi de novo para junto d'elle, disposta a arranca-lo d'aquella mesa. Bonaparte então exaltou-se contra aquella importuna que vi-

dito, Catherine pegou do cesto e saiu, batendo com a porta violentamente.

Aquelle amôr perdera-o, mas não era o seu coração facil de se deixar tomar de desanimo. N'aquella epocha, os acontecimentos historicos succediam-se tão rapidamente, que tomavam todas as atenções, não havendo tempo para reflectir. De resto, aquella paixão passaria tão rapidamente como rapidamente lhe surgira no coração. Para a distrair, bastariam os bai-

tares populares de Vauxhall, de que era assidua frequentadora. Alli ella estava no seu elemento: alegria, sinceridade, simplicidade e ardor patriótico.

Foi em um d'esses bailes, de que ella era a alma pelo seu espirito folgasão, que encontrou o sargento Lefebvre, um rapaz forte, de aspecto accentuadamente marcial, uns olhos de meridional, um sorriso sempre a illuminar o rosto. Catherine, no meio das suas amigas, dava asas ao seu feitio chocarreiro, rindo e enchendo a boca

de pasteis, lambusando as mãos que limpava no vestido. Em frente ao logar em que ella se encontrava, juntára-se um grupo, observan a tatuagem que um homem fazia no braço do sargento. Era então a moda que dominava entre a soldadesca do exercito da França.

Quando os olhares de Lefebvre e de Catherine se cruzaram comprehenderam-se como se fossem olhos conhecidos. O bailado ia no seu maximo entusiasmo, enervando aquella povo que dançava para esconder a fome. A Catherine agradou a figura varonil do sargento; Lefebvre fez-lhe um signal significativo, e ella foi para junto d'elle com a ideia



“Allons enfants de la Patrie!”

nha distrai-lo do seu estudo, das suas preoccupações favoritas.

Catherine não poude dominar a sua revolta de mulher desprezada contra aquella grosseirão que, nem ao menos, olhara ainda para ella. Pegou do frango, do vinho, das flores, e atirou tudo outra vez para dentro do cesto, num gesto violento de despeito. Mas olhou para elle de novo e viu tão pobre, tão magro, tão manifestamente necessitado, que o frango e o vinho voltaram de novo para a mesa. As flores, essas não. Ficou apenas uma rosa. Tentou ainda mais uma vez attrair-lhe a atenção, mas como Bonaparte não erguesse os olhos d'aquella mappa mal-

fixa de se rir á sua custa. Lefebvre tomou-a nos braços para dançar e de tal maneira lhe fixou os olhos negros, que Catherine sentiu-se perturbar.

— “Sacré nom!”... E’s admiravel. Pódes facilmente inspirar uma paixão.

— Não me desgostaria que fôsses a apaixonada.

E Catherine, com um riso de môfa, pôz-se-lhe a examinar o porte, o garbo com que elle vestia a farda da Guarda Nacional.

— Que estavas fazendo alli?

— Uma tatuagem.

E arregaçando a manga da farda, mostrou-lhe as linhas azues de exotico desenho, e os seus signaes e dizeres mysteriosos. Ella admirou, rindo sempre. Lefebvre estava louco por aquelles dentes alvos. Procurou beijar-la ella fugiu com o rosto, rindo ainda do seu desapontamento. N’um movimento rapido, o sargento tomou-a pela cintura e arrebatou-a d’aquelle turvelinho de gente, levando-a para uma mesa afastada. Conversaram a noite inteira dos seus sonhos, das suas illusões, dos seus planos de futuro, indifferentes ao prazer d’aquella multidão que os cercava.

Nos dias que se seguiram ao baile de Vauxhall, o sargento Lefebvre nunca mais deixou de frequentar a lavanderia de Catherine Hubscher, que o povo começava a conhecer mais pela alcunha de “Madame Sans-Gêne”. Todas as horas que os seus devêres de militar lhe deixavam livre, gastava-as elle junto da sua Catherine. Ella não desgostava da companhia, mas receava que se transformasse em alguma cousa mais séria que lhe tolhesse a liberdade. E esta era o que ella amava mais na vida. Um sorriso a um; uma graça a outro, algum atrevimento a muito poucos, ninguem até então lhe tomara conta d’esses actos.

Uma semana depois do encontro do baile de Vauxhall, Lefebvre já se sentia com forças para fazer exigencias, para impôr a sua vontade. Sans-Gêne não recebeu de bom modo semelhante attitude. Lefebvre recuou nas suas maneiras autoritarias, mas não desistiu de fazer d’aquella mulher que o entontecia, a sua legitima esposa, a sua companheira de todos os dias.

O que mais o irritava era a frequencia de certos fidalgotes nas officinas de Catherine. Filhos de uma raça que elle, por patriotismo, odiava, as suas attitudes libertinas e ousadas com a mulher que elle amava punham-no

n’uma exaltação, que por vezes, quasi se traduzia em desacato. Uma tarde Sans-Gêne estava só na lavanderia. Entraram alli dois rapazes do Palais-Royal, d’essa classe que nem era aristocrata, nem plebeia, d’essa gente que em Paris, apesar de trazer nas veias sangue nobre, era a que mais alimentava o espirito de revolta, que andava alastrando por toda a parte. Sans-Gêne gostava de brincar com elles, de se divertir á sua custa. E elles, tomando o genio alegre de Catherine como permissão a certas liberdades, atreviam-se a tentar desrespeita-la, atrevimento que ella castigava immediatamente, mettendo-os na ordem. N’essa tarde, estavam-se dando os factos de sempre: ella sempre alegre e atrevida, elles julgando mal do seu feitio folgassão. Catherine estava sentada n’uma mesa, tendo na cabeça o chapéu, modelo revolucionario, de um d’elles. Imitava, ridicularisando-os, as maneiras pretenciosas dos aristocratas e fazia-os rir a bom rir. Como um d’elles procurasse pôr-lhe a mão ella mordeu-lhe um dedo. Novas gargalhadas, mesmo do “petit-maitre” offendido.

Foi n’este momento que na lavanderia entrou Lefebvre. As attitudes de Catherine irritaram-no. Foi direito aos dois fidalgotes, tomou cada um debaixo de um braço e atirou-os em plena calçada. Quando voltou, offegante do esforço feito, Catharine parecia uma féra.

— Com que direito fez isto?

Lefebvre, procurando acalmal-a, observou-lhe de um modo imperativo:

— Vamos acabar com isto... Precisas de um marido.

A resposta de Catherine foi uma ordem de saida que não admittia duvidas.

— Ponha-se lá fóra! Ainda não dei a ninguem o direito de me dar ordens!

Lefebvre nem se moveu. Não! Não sairia! E para lhe provar que a sua resolução era inabalavel, apparentou um ar calmo e resolutto, puchando do seu cachimbo. Sans-Gêns arrancou-lh’o da boca e partiu-o no chão em mil pedaços. Ahi então Lefebvre viu que o caso era serio. Precitava acalma-la, convence-la que aquella vida não poderia continuar porque a amava muito. E arregaçando a manga da fardeta, mostrou-lhe uma nova tatuagem em que se lia: “Sans-Gêne para toda a vida!”

— Ou tu... ou nenhuma outra “Sans-

Gêne para toda a vida” significa que só casarei contigo!

Catherine não podia ficar indiferente a tão intensa paixão. Coração aberto a todas as expansões de carinho e de dedicação, aquelle amôr de Lefebvre dominou-a por completo, fazendo que lhe dedicasse alma e corpo.

### III

Estamos no dia tragico de Dez de Agosto de 1792. O povo de Paris, esgotado o calice dos seus soffrimentos, ia lançar-se, como uma catapulta, contra os altos poderes feudaes e derruba-los com uma impiedade e uma violencia que ficariam memoraveis na historia do mundo. Todo o seu odio se concentrava na rainha Maria Antonietta a “austriaca”, que o povo julgava, com os seus aulicos e amigos, a principal responsavel da sua miseria e do ataque que as tropas estrangeiras estavam planejando contra a França.

O ataque ás Tulherias alvoroçara toda a Paris. Viam-se n’esse cortejo formidavel as creaturas que traziam estampados no rosto seculos de miseria e de fême. Impellindo velhas peças de artilharia, levando toda a especie de armas, gritando até enrouquecer as estrophes magnificas da Marselheza, a turba sangui-sedenta caminha em direcção ao palacio real, onde Luiz XVI, acompanhado de sua familia e da flôr da aristocracia franceza, tremia ao escutar-lhe, ainda longe, o vazerio semelhante ao das vagas do grande oceano em horas de tempestade.

Pouco tempo depois do cortejo monstro ter-se posto em marcha, parou em frente aos portões cerrados do velho palacio. Pelo gradeamento, pelas balaustradas, pelo parque, espalhavam-se “suissos”, de arma em riste, promptos a espingardear o povo. A avalanche surgiu e caiu impetuosa sobre os portões, procurando abri-los. Uma fuzilaria cerrada respondeu a esse gesto audacioso, e no sólo caíram as primeiras victimas das tropas estrangeiras que defendiam o rei. Foi como se espingardeassem o povo em pleno coração. Longe de se intimidar, a turba alvoroçada avançou com mais energia e rebentou os fechos bronzéos que lhe impediam a entrada. Os suissos foram recuando deante d’aquella impetuosa vaga humana e, dentro

em pouco, o parque, as escadarias, os salões, estavam cheios d’aquelle povo maltrapilho, que pisava irreverentemente as alcatifas e destruía quanto, pelo seu luxo exagerado, lhe feria a miseria em que se arrastava. Minutos passados, encontravam-se frente a frente com o rei e impunham-lhe asperamente a sua vontade.

Madame Sans-Gêne, a esposa do sargento Lefebvre da Guarda Nacional, foi, em muito, a alma d’aquelle movimento. A sua figura destacava-se á frente da turba e quando foi preciso armar barricadas para combater os “suissos” e enthusiasmar o povo para o assalto, a sua figura destacava-se no alto da massa popular, e a sua voz acompanhava estridentemente o troar dos canhões. Tinha chammas no olhar; o seu corpo, todo elle, era uma vibração de nervos, e ninguem diria, ao ve-la, que ella era aquella mesma gentil lavadeira que para cada freguez guardava um dito de espirito, um gesto de bondade e de cortezia. No grande coração de Madame Sans-Gêne concentrava-se toda a alma popular de Paris.

Terminada a grande jornada, o povo enchia de novo a cidade nos seus bairros populares. A lavanderia de Madame Sans-Gêne regorgitava e parecia tomado de loucura o povo, que vencera n’aquelle dia memoravel. Entre os visitantes d’essa hora de enthusiasmo estava Fouché. Entrara apressado, querendo que o servissem rapidamente.

— Rousette, entregue-me a minha roupa lavada. Tenho que ir para a convenção.

E a gorducha Rousotte, que embirrava com Fouché porque elle não pagava as contas, ia resmungando a procurar a roupa do sr. Fouché, no meio d’aquella balburúia, em que ninguem se entendia. Madame Sans-Gêne entrou d’ahi a instantes no seu estabelecimento, empunhando uma haste em cujo extremo se entrelaçava um ramo de louro e um laço tricolor. O povo no meio do seu enthusiasmo, aclamava-a e ella gritava, com intenso enthusiasmo: “Victoria!”. Ao deparar com Fouché, deu-lhe parte do que se passára, exaltando a obra do povo que soubera n’esse dia ditar ordens ao rei. E Fouché informou:

— Tambem trago boas noticias... Fui nomeado chefe de policia.

Sans-Gêne riu. Chefe de policia n’aquelles dias em que não havia maneira de policia cousa nenhuma.

— Chefe de policia? Por que não escolheu

cousa melhor? Você tem tantas probabilidades de ser chefe de policia como eu tenho... de sêr duqueza.

Passaram-se mezes, annos. Luiz XVI, a esposa e muitos aristocratas tinham subido ao cadafalso. Proclamara-se a republica. Viveiram-se os dias agitados e heroicos da convenção. Estava-se em pleno periodo do "comité" de salvação publica, em que os tres homens supremos — Robespierre, Danton e Marat — ditavam a lei e espalhavam o terror. As fronteiras da França tinham sido invadidas pelos exercitos colligados da Europa e a guerra realista ensanguentavam os campos da Vandéa. Cada cidadão da Republica se julgou no dever de defender a França e como que o paiz se despoçou para encher as fileiras do exercito.

Era o momento propicio para os actos heroicos e para a ascensão brilhante dos mais valentes. Carnot, Hoche, e todos os grandes generaes da França viam-se perseguidos pelos politicos de Paris, mas os seus soldados lutavam furiosamente para lhes occupar os logares e conquistarem os galões.

Lefebvre subira na escala rapidamente. As divisas de sargento já nem d'ellas tinha lembranças. Os galões de official brilhavam-lhe nos braços. Cada novo combate, cada victoria da França lhe dava um novo acesso na carreira. Madame Sans-Gêne, sua mulher, fechada a lavanderia, participava, como vivandeira, dos soffrimentos e das glorias do marido.

Ora incitando os soldados na lucta, ora cuidando dos feridos, Catherine era infatigavel, heroica, destemida. As balas inimigas não a intimidavam. Quasi sempre lhe andava ao alcance e um dia chegou que uma d'ellas a prostrou por terra. Os soldados, que mais perto estavam, soccorreram-na carinhosa-

mente. Madame Sans-Gêne tornara-se uma figura popular no exercito da França.

E enquanto assim na fronteira os soldados heroico se batiam pela Patria, em Paris, os politicos degladiavam-se, assassinavam-se. Os girondinos tinham pago na guilhotina o seu desmedido patriotismo; Marat morrêra assassinado por Carlota Corday; Robespier-



Sans-Gêne por toda a vida!

re, tombando do alto da sua dictadura sinistra, pagou com a vida as crueldades que praticara. Estava no poder o directorio, que mal podia governar n'aquella tremenda desordem.

Foi então que surgiu um homem: Napoleão Bonaparte. Tendo-se engrandecido nas campanhas de Italia, os politicos tremiam a sua já poderosa influencia no coração dos francezes. Mandaram-no para o Egypto, para que ali desferisse um golpe mortal no prestigio politico da Inglaterra, no Oriente. A

campanha do Egypto foi uma epopeia de heroísmo, mesmo não esquecendo o desastre naval em que Nelson bateu por completo a esquadra francesa.

Mas, Napoleão, mesmo através das suas victorias, não esquecia Paris. Os politicos do Directorio tramavam a sua queda do alto throno a que o tinha elevado a alma franceza. As intrigas tinham chegado até junto das Pyramides. Napoleão não hesitou. Poz-se a caminho da sua patria, e a França recebeu-o entre aclamações desde a hora em que elle lhe pisou o sólo sagrado. Uma vez em Paris, a sua espada traçou o gesto violento mas salvador do 18 Brumario e ei-lo feito primeiro consul. Começou então a serie ininterrupta de victorias — Wagram, Austerlitz, Iena — toda essa corôa de heroísmo que fez de Bonaparte, pelo valôr da sua espada, imperador dos franceses.

Lefebvre, de quem Napoleão se tornou amigo, reconhecendo-lhe as grandes qualidades de caracter e a fibra heroica de militar corajoso, estava agora no apogeu da sua brilhantissima carreira. Era marechal de França e duque de Dantzig. Catharina Hubsher ostentava na sua linda cabeça a corôa de duquesa e de marechala de França. Mas muitas vezes no fundo do seu coração, sentia saudades da sua lavandaria, sobretudo do tempo em que namorara o sargento da Guarda Nacional, Lefebvre. As etiquetas da côrte, as preocupações da vida principesca que levava, tiravam-lhe o somno e o appetite. Fouché, por sua vez, subira tambem: era duque de Otranto e fôra chefe de policia, lugar de que Napoleão o deposera para collocar Savary.

Em 1811 tinha sido proclamado o imperio e em Notre Dame Napoleão e Josephina foram coroados pelo Papa. Veiu depois o ostracismo de Josephina e Bonaparte consorciou-se com a princeza Maria Luisa, filha da imperatriz da Austria. As festas d'este periodo do imperio de Napoleão faziam inveja ás cortes mais pomposas da Europa. N'ellas encontramos a antiga lavadeira Madame Sans-Gêne, hoje duquesa de Dantzig, ostentando sedas e joias, mas conservando no fundo do seu coração a mesma bondade, a mesma simplicidade, a mesma franquesa.

Celebrava-se em Fontainebleau a festa do anniversario de Napoleão Bonaparte. A antiga galeria de Henrique II, que tinha sido

enriquecida com joias de arte para Dianna de Poitiers, brilhava á luz de mil velas. As fardas dos generaes gloriosos de cem batalhas, sedas e velludos dos trajes marechaes e principes da França imperial, as toilettes e joias ostentadas pelas princessas e esposas dos militares e dignitarios, tudo dava uma imponencia e um deslumbramento phantastico áquellas reuniões d'uma côrte improvisada, saída do braço heroico do modesto tenente que não tinha, ha poucos annos ainda, com que pagar a roupa que Madame Sans-Gêne lhe lavava. As irmãs, a quem elle mandava algum dinheiro para que fugissem da Corsega, eram agora, Carolina, rainha de Napoles, Elisa, princesa de Baeciochi. O segundo casamento de Napoleão trouxera ainda mais imponencia á sua côrte, dando-lhe a tradição que lhe faltava. A filha de Maria Theresa era representante da mais velha casa reinante da Europa, sendo, por isso mesmo duplamente soberana: pelo amor e pela nobresa.

Napoleão adorava-a, mas tinha terriveis ciumes do "attaché" da embaixada de Austria, conde de Neipperg, famoso general de vinte e poucos annos, que acompanhava a imperatriz a toda a parte. A insistencia d'essa companhia irritava-o e ainda n'aquella festa do seu anniversario, Napoleão chamava em particular o seu chefe de policia e lhe dissera:

— Savary, observa bem o conde de Neipperg... disseram-me que elle namorou a imperatriz quando ella era solteira.

Ao que Savary respondera:

— Vossa Majestade pôde ficar descançado... tanto aqui como quando estive em Vienna... saberei observar.

A essa festa deviam assistir Lefebvre e a mulher. Aquella complicada toilette de côrte pozera desde pela manhã n'uma grande irritação os nervos de Madame Sans-Gêne. Os sapatos, sobretudo, eram a tortura maxima. Levados n'um côche da côrte, chegaram os duques de Dantzig, quando já a festa ia no seu apogeu. No vestuario foi uma nova tortura: a collocação do manto e da corôa de duquesa. A pobre Catharine Hubsher dava ao diabo semelhante invenção, não comprehendendo porque, para a gente se divertir, se tornava preciso tanta roupa, tanto enfeite, tanta trapalhada. Os bailes de Vauxhall eram bem mais interessantes.

No salão, Madame Sans-Gêne não acertava

com aquellas medidas, aquelles salamaleques. Lefebvre, que continuava adorando a mulher, sentia o ridículo de tão triste situação e soffria por ella. Bonaparte, que já a conhecia de tradição, e que de ha muito estava avisado da sua negligencia em habitos de elegancia, olhou-a com um olhar severo, o que mais estonteou ainda a pobre creatura. E foram então os risos das princezas, o ar de hypocrita magua dos aulicos, uma situação infeliz, emfim, que não sabia explicar, mas de que tinha uma intuição natural. Felizmente para ella, Fouché estava em um dos angulos da galeria. Madame Sans-Gêne respirou. Até que encontrava um conhecido! Foi para elle quasi a correr, esquecida do lugar em que se encontrava.

## IV

O encontro com Fouché, n'aquelle meio em que quasi não conhecia ninguém, foi como que um pouco de ar. A familiaridade com que lhe falou, batendo-lhe palmadas nos hombros, rindo ás gargalhadas, iam escandalizando os que estavam mais perto e punha inquieto o pobre Lefebvre, que adorava a mulher e soffria por aquella situação. Madame Sans-Gêne não dava por cousa alguma, contentissima d'aquelle encontro. Dando-lhe cotoveladas, a duquesa de Dantzig ia falando a Fouché, que lhe perguntou:

— Vossa graça lembra-se do que propheticizou a 10 de agosto sobre o meu futuro?...

— Se lembro!... Propheticizei que você tinha tantas probabilidades de ser chefe de policia como eu tinha de ser duquesa!... E não é que eu sou duquesa mesmo!

E ria perdidamente, exuberantemente. E Fouché observou:

— Já fui chefe de policia duas vezes e ainda hei de tornar a sêr.

— E o pequeno Bonaparte? — segredou Madame Sans-Gêne, apontando Napoleão. Aposto em como elle agora já não traz as meias rotas.

E continuaram os dois conversando como velhos amigos, alheios, por completo, á reunião cerimoniosa que os cercava. Madame Sans-Gêne, de quando em quando, apertava o rosto, como que sentisse alguma dôr. Eram os malditos sapatos que lhe apertavam os

pés, fazendo-a soffrer horrorosamente. A certa altura não teve duvidas: desapertou e descalçou o sapato do pé direito, respirando satisfeita, como que a aliviassem d'um grande peso. E escondendo o pé descalço na cauda do manto de duquesa, continuou a conversar animadamente com Fouché, com a maior naturalidade d'este mundo.

Lefebvre, vendo a esposa a conversar com Fouché, socegou um pouco. Com aquelle não haveria o receio de uma "gaffe". O conde de Neipperg, que era dedicado amigo de Lefebvre, a quem salvara a vida em pleno campo de batalha, fôra-lhe sempre afeiçoado. N'aquella reunião em que o general austriaco se sabia sob a vigilancia do ciúme de Napoleão, Lefebvre era o unico homem com que elle podia conversar sem ser traido. E Lefebvre era-lhe immensamente reconhecido:

— Nunca me hei de esquecer — dizia-lhe — que me salvou a vida nos campos de batalha, apesar de combater contra mim. Espero poder mostrar-lhe algum dia a minha gratidão.

— Caro marechal, a sua amizade será a melhor recompensa que me poderá dár.

Conversavam assim com intimidade quando subitamente a sua attenção foi despertada por um grande borborinho que se fizera no salão. Lefebvre sentiu um vago receio que alguma cousa se passára com sua mulher. E não se enganára. Madame Sans-Gêne na conversação animada em que continuára com Fouché não reparou que poséra o pé descalço em cima da cauda d'uma dama que estava junto della. Quando esta andou, o manto arrastou a duquesa de Dantzig, que se estatelou em pleno salão, com grande escandalo de toda a côrte. Fouché fez o possível para salvar a situação, mas nada conseguiu, porque a duquesa, longe de o ajudar, ainda mais o complicou, ficando furiosa e irritada. Lefebvre estava em brasas. Era preciso sair d'alli o mais depressa possível. Pegou no sapato e escondeu-o, procurando arrastar a mulher para fóra da galeria, no que o ajudava Fouché. Não era, porém, possível sair sem primeiro saudar as princezas irmãs de Napoleão. Orgulhosas, impertinentes, os olhares que ellas deitavam a Madame Sans-Gêne punham-lhe os nervos em alvoroço. Aquellas pequenas, com a sua vaidade, faziam ranger os dentes a Madame Sans-Gêne, por que era manifesto o desprezo que lhe vo-



tavam. Em todo o caso, como não podia deixar de o fazer, aproximou-se-lhes para lhes apresentar as suas despedidas. Foi, então, que aos seus ouvidos chegou uma phrase, que teve a violencia de uma chicotada. Uma das princezas dizia para a outra:

— O que se poderá esperar d'uma duquesa que lavava camisas?

Madame Sans-Gêne ergueu a cabeça e disse de modo a sêr bem ouvida:

— Sim, é verdade. Fui uma simples lavadeira, mas não para si, princesa, por que n'esse tempo a Sra. não tinha camisa.

Foi um escandalo que, celere, correu pelo salão. As irmãs do imperador tinham sido insultadas publicamente pela duquesa de Dantzic. Fouché e Lefebvre conseguiram afinal arranca-la d'alli. Fouché foi-lhe dizendo, para a prevenir:

— Acaba de adquirir uma terrivel inimiga.

— E ella outra! exclamou furiosa Madame Sans-Gêne.

Lefebvre, quando se viu fóra do palacio de Fontainnehleau, respirou. Estavam ao serviço dos marechaes de França as luxuosas carruagens, que tinham pertencido aos reis heurbonicos. Madame Sans-Gêne e Lefebvre tomaram um desses riquissimos coches, imponen'es na sua grandeza, maravilhosos na riqueza da sua ornamentação. Era um cortejo soberbo o que formavam esses coches á saída do secular palacio real, entre alas de soldados impunhando archotes. Por detrás d'esses homens, muitos dos quaes apresentavam as cicatrizes de mil combates, estava o povo, o povo sempre miseravel, o povo sempre soffredor, o povo eterna creança que sorria aos que o dominavam, submettiam ao seu poder. Reagira hontem como uma féra, para acabar obedecendo como um escravo.

O cortejo dos coches, em que saiam da festa principesca os marechaes de França, custára a deslisar. Por largo tempo aquelle em que seguiam Madame Sans-Gêne e Lefebvre estacionou entre o povo, sem poder avançar. Madame Sans-Gêne, sempre simples e ingenua nos seus actos, debruçava-se na porta do coche a admirar aquelle espectáculo tão inedito para ella. Foi n'esse momento que, fixando um grupo, os seus olhos se abriram desmesuradamente e saltou um grande grito de enthusiasmo e admiração:

— Rousotte!... Rousotte!...

Era realmente a velha Rousotte, a companheira dedicada da lavandaria que estacionava entre um grupo de populares, com o mesmo ar bonacheirão, a mesma touca branca. Quando ella ouviu o seu nome pronunciado por aquella aristocrata que se debruçava na porta do côche, não reconheceu desde logo a Catharine Hubscher. Mas Madame Sans-Gêne não se conteve e veiu busca-la ao meio do povo e obrigou-a a entrar no côche, entre abraços e beijos:

— Rousotte! A minha Rousotte!...

— A Sra.? Mas como foi isto?... perguntava a velhota atrapalhada. Madame Sans-Gêne não lhe dava tempo para fazer mais perguntas. Cobriu-a com o seu manto de duquesa; poz-lhe sobre os cabellos brancos, e em desalinho, o diadema. Cobriu-a de beijos e não a largou mais levando-a para o seu palacio. D'ailli em deante, Rousotte passaria a ser a governante da sua casa. Até que enfim que Madame Sans-Gêne tinha uma alma que a intendia e com quem se intendia. Era com Rousotte que ella desabafava contra aquellas damas de alto cothurno, que ainda hontem não eram nada, e que faziam pouco da sua simplicidade e dos seus costumes. Rousotte é que superintendia os negocios da casa e com ella jogava as cartas, o seu divertimento predilecto. Madame Sans-Gêne era muito distraida e Rousotte aproveitava-se dessa circumstancia para a roubar no jogo. Madame Sans-Gêne perdia invariavelmente, o que a irritava. Zangava-se com a sua Rousotte, dizia-lhe pesados desafôros e quasi lhe batia, para, ao final da discussão, a cobrir de beijos, enchendo-lhe a boca de doces. Rousotte era feliz.

Assim acontecia quasi todos os dias acontecer n'aquella tarde em que, sem attentões ao protocolo da elegancia, fazia esperar no salão as suas visitas, entre as quaes o seu amigo conde de Neipperg. Primeiro estavam os cuidados da sua casa e os seus divertimentos intimos do que esse fidalgotes de fresca data, cheios de medidas e de hypocrisia. Foi preciso que Lefebvre a viesse chamar, esperando, para sêr attendido, que ella d'esse as suas ordens a um creado bisonho, que entrára n'aquella dia a serviço e que andava fazendo a limpeza da casa:

— Limpe o soalho no logar em que hontem deixou cair um pastel de nata.

Madame Sans-Gêne desconfiava, sem sa-

ber bem por que, d'aquelle creação que tinha um olhar esquisito. E não lhe faltava razão para tanto. Apenas Madame Sans-Gêne voltou as costas, o creado dirigiu-se á "toilette" donde subtraiu um riquissimo anel de brilhantes que ella usava habitualmente.

Madame Sans-Gêne, entrando no salão que regorgitava de visitas, foi a mesma mulher de sempre: uma palmada amiga n'este, uma graçola pesada n'aquelle, um dôce mettido á força na boca de Neipperg e todos á vontade n'aquelle ambiente de carinho, que só não agradava aos pretenciosos e hypocritas. De repente, Madame Sans-Gêne deu pela falta do seu anel de brilhante, que nunca o abandonava. Lembrava-se de ter deixado sobre o marmore do toilette. Alli correu e com grande espanto seu, o anel tinha desaparecido.

Dêsse por onde dêsse, esse anel tinha de apparecer. Fôra um presente de Lefebvre e quem o roubára havia de restitui-lo. Nos primeiros instantes, Madame Sans-Gêne ficou estonteada, sem acertar quem fôsse o ladrão. De repente, os seus olhos deram com o creado a limpar o aposento proximo, cantrolando, indifferente ao que se passava, evidentemente para disfarçar. A perspicacia de Madame Sans-Gêne não se podia enganar. O gatuno era aquelle. E chamou-o.

— Vem cá. Passa o meu anel sem perda de tempo.

— Que anel? Não percebo o que a Sra. quer dizer.

-- Passa-me o anel ou te esbofeteio!

-- Não tenho nem vi anel nenhum.

— Passa o anel! Olha que quem, como eu, entrou na revolução, tem coragem para tudo!

E passando das palavras aos actos, atirou-o aos empurrões e mandou-o despir completamente. Os creados, que tinham corrido ao alarme, riam-se á socapa da duqueza de Dantzig pondo um ladrão completamente nú para lhe arrancar o roubo que elle escondêra. O caso é que Madame Sans-Gêne saiu, d'ahi a pouco de dentro do biombo trazendo no dedo a sua joia preciosa. O gatuno, mesmo assim nú, foi levado dentro do biombo para ser entregue á justiça.

Nada a intimidava, a não ser a vida da

côrte. Era o seu maior tormento. Sósinha em casa com o seu Lefebvre, não havia ninguém mais feliz. Por esse tempo, Bonaparte foi fazer uma estação de repouso na sua casa de campo de Compiègne. Todos os ministros, titulares e marechaes de França tiveram de o acompanhar com as suas familias, alojando-se no vasto palacio. Madame Sans-Gêne para lá partiu com o marido, e com um grande aborrecimento.

Aquella estação de verão do imperador não estava decorrendo nada tranquilla. Os ciumes de Maria Luiza, por causa das atenções que ella dispensava ao conde de Neipperg, obrigaram o apaixonado general a pedir os seus passaportes afim de se retirar para Vienna. A Neipperg nada havia que censurar, porque elle apenas sentia a dôr de amar sem esperança uma mulher, que elle tratava com profundo respeito e que sabia nunca lhe pôderia pertencer. Mas os policias secretos não largavam os calcanhares de Neipperg e essa humilhação irritava-o. Resolvera por isso partir. Napoleão regosijava-se com essa resolução, mas resolvera não perder de vista o "attaché" da embaixada austriaca antes d'elle deixar o territorio francez. Da janella do seu gabinete observava Neipperg nos jardins do palacio e ao mesmo tempo ditava a Savary, seu chefe de policia, as instrucções sobre o assumpto.

As aléas do parque de Compiègne regorgitavam com o pessoal da numerosa côrte do primeiro imperador dos francezes. Talvez que o unico personagem d'aquella galeria de heróes que ahi faltava fosse Lefebvre, que aguardava se concluísse a toilette complicada de sua mulher. O imperador já a essa hora estava entre os seus marechaes, aguardando a chegada de Maria Luiza. As irmãs de Napoleão espalhavam pelos grupos de adulaadores os seus sorrisos. Pela escadaria monumental começou descendo o cortejo da imperatriz, em que havia uma ou duas amigas, mas sobretudo numerosas espias a soldo e mando do imperador. Quando Maria Luiza desceu o ultimo degrau da escadaria, adantou-se o conde de Neipperg, que lhe beijou a mão, pedindo-lhe as suas ordens para o dia seguinte, em que tencionava regressar a Vienna. Maria Luiza, sem mesmo talvez reflectir no que dizia, pediu-lhe para a procurar durante a noite. Desejava falar-lhe. A sua dama particular o conduziria aos seus



No palacio de Angoulême entrava Madame Sans-Gêne

aposentos. O conde de Neiperg prometteu obedecer.

N'esse momento, approximava-se o imperador, que de sorriso nos labios, apesar de o odio lhe alterar o coração, beijou a mão da esposa e foi prodigo em sorrisos e atenções. E Lefebvre ardia de impaciencia, vendo que Madame Sans-Gêne não concluia aquella atrapalhada "toilette". Por fim, passados mais alguns minutos, a duqueza de Dantzig descia ao parque com o marido. Ao passar na escadaria, cruzou a duqueza com um velho granadeiro que ella conhecia dos campos de batalha e que alli montava guarda. Não se conteve que não lhe piscasse um olho. O granadeiro sorriu, de contente, e cofiou a bigodeira branca. Lefebvre juntou-se ao sequito de Napoleão e Madame Sans-Gêne foi passear no jardim a sua toilette espaventosa, em que no berrado das côres se podia adivinhar o gosto da antiga revolucionaria das barricadas de Paris.

Neiperg, que adorava a singeleza de Madame Sans-Gêne, e que a considerava sua sincera amiga, deu-lhe parte do seu regresso a Vienna no dia seguinte.

— Vae deixar-nos?

— Assim é preciso, duqueza. Esta atmosphera de suspeição é humilhante e irrita-me.

— Se acha que lhe posso ser util em alguma cousa, miande. Sabe que sou sua amiga.

— Sei quanta amizade lhes devo, a si e a seu marido, mas nada podem fazer para melhorar a minha situação. Sabem melhor que ninguem que eu me limito a amar alguém, sem nunca me atrever a confessar esse amor. Portanto, sou suspeito e tenho de retirar-me.

Madame Sans-Gêne sentia sinceramente que aquelle bom e sincero amigo tivesse caído em desagrado no conceito injusto de Napoleão. Procurava consola-lo com sinceras e honestas palavras de encorajamento, quando aconteceu de se approximarem as irmãs de Napoleão. O seu ar zombeteiro, o seu sorriso mordaz eram os de sempre quando acontecia encontrarem-se com a duqueza de Dantzig. Uma d'ellas teve a coragem de dizer em voz alta:

— Segundo se conta, Lefebvre deveu a vida, nos campos de batalha ao general austriaco Neiperg. Parece que a esposa se dispõe, por outra forma, a pagar essa divida!

Neiperg não poderia defender Madame

Sans-Gêne d'aquelle ultraje. Eram as irmãs do imperador. Limitou-se a offerecer o braço á duqueza para que se retirasse d'aquelle logar, onde acabavam de a injuriar. Mas Madame Sans-Gêne recusou esse gesto de gentileza e bondade. Não era mulher para deixar sem resposta uma affirmação calumniosa d'aquelle importancia. Olhou com soberano desprezo as irmãs do imperador, declarando-lhes que se de alguém tinha de receber lições de honestidade não era certamente d'ellas, que não tinham autoridade para a dar a ninguem.

A bofetada batera em cheio. As princezas impertigaram-se e resolveram desde logo dar ao imperador participação de tão grande offensa dirigida publicamente a pessoas de sua familia. Ainda vociferavam colericas, quando Madame Sans-Gêne já ia longe, levada pelo braço de Neiperg.

As duas irmãs de Napoleão procuraram-no no seu gabinete a quem fizeram sciente do insulto que lhes dirigira a duqueza de Dantzig. Napoleão ficou irritadissimo, porque não obstante ser o primeiro a censurar o procedimento irregular de suas irmãs, não admittia que uma pessoa de sua familia fosse assim publicamente injuriada. Depois de censurar as irmãs pela reputação que tinham grangeado de libertinas, ordenou que fosse chamado á sua presença o marechal Lefebvre, duque de Dantzig. Quando a ordem chegou aos aposentos de Madame Sans-Gêne, o coração segredou-lhe que aquelle chamado era uma consequencia da scena d'essa tarde no parque.

## VI

Lefebvre entrou no gabinete de Napoleão, que passeava agitado, revolvendo no seu cerebro genial os altos problemas do estado e do mundo de mistura com aquellas complicações familiares. Por fim, Lefebvre pediu para entrar e d'ahi a instantes estava em presença do imperador.

Bonaparte estimava até ao mais alto grau os seus companheiros de armas. Creaturas que, como elle, subiram do nada á mais elevadas hierarchias do mundo, votava-lhes um sentimento de irmão, sendo com o coração confrangido que alguma vez se via obrigado a faze-los soffrer. Lefebvre tinha na estima de Bonaparte um logar aparte. Ho-

mem leal, corajoso, vivendo fóra das camarilhas, era tão nobre no seu trato pessoal como nos campos de batalha. Napoleão sofria de ter de lhe desferir um golpe em pleno coração, mas o prestígio do seu império, sobre o qual o mundo inteiro tinha os olhos postos, impunha-lhe rígidos princípios de disciplina.

Lefebvre, perflhado, esperava ordens. Bo-



O "Homem"

naparte olhou-o fixamente e em seguida poz-se a passear nervosamente pelo gabinete, batendo, nervosamente, com as mãos atrás das costas, como o seu habito. Depois, parando em frente do marechal, disse:

— Lefebvre, tenho um favor a pedir-lhe.

— Vossa majestade ordena.

— Pesa-me ter de lhe manifestar o meu desgosto pelo procedimento de sua esposa. Esta situação é insustentável. Toda a Europa olha attentamente para a minha côrte, que a duqueza de Dantzig está levando ao maiz atroz ridiculo! Isto não pôde continuar... Não tem nada a dizer-me?

— Nada, majestade. Estou apenas habituado a obedecer e não a discutir.

— Em todo o caso deve concordar comigo, que devemos tomar uma resolução. E a que me parece mais razoavel é a do divoreio. O prestígio do império impõe que os duques de Dantzig se divorciem!

Lefebvre empallideceu. Aquelle seria o maximo sacrificio. Pediu ao imperador para pensar antes de tomar uma resolução definitiva. Demais precisava consultar sua mulher. O imperador não desconhecia quanto elles se estimavam. Napoleão accedeu ao desejo de Lefebvre, mas impoz que Madame Sans-Gêne dêsse nos seus aposentos uma recepção em honra das princezas, recepção que seria como um desagravo ás injurias feitas.

O duque de Dantzig correu para junto de sua mulher, a quem contou o que se passára. Madame Sans-Gêne revoltou-se e chorou. "Pois que? O imperador julgaria que se separavam corações como quem separa imperios?! Não sabia que a sua vida commum era o resultado de muitos e muitos annos de dedicação e de amizade? Quem soffrera os dias de miseria não tinha o direito de gozar os de ventura?!" E foi um ralar-se, chorar, praguejar contra tudo e contra todos. Lefebvre tinha os olhos cheios de lagrimas. Chamou-a a si, abraçou-a, acarinhou-a. Haviam de convencer o imperador a mudar de opinião. Não se separariam. Não jurara elle viver com ella até á morte? "Sans-Gêne por toda a vida!" E os dois ficaram abraçados, esquecidos da ingratidão e maldade dos homens, lembrando aquelle velho amor que começára na miseria e queriam agora matar na gloria.

De repente, Lefebvre teve um sobresalto: esquecera-se de prevenir á mulher da ordem do imperador.

— Quer que abramos estes salões nbuma recepção em honra das princezas, para desagravo.

— Não dou! foi a primeira resposta de Madame Sans-Gêne.

— Mas não podemos fazer isso. E' uma ordem do imperador!

— Desobedeçerei. Que nos expulse da côrte. A minha maior felicidade seria viver n'um canto ignorado, na tua companhia.

— Mas é preciso. A recepção tem de realisar-se. Não resolvemos nada chorando.

— Eu nunca dei uma recepção! Sei lá como isso se faz!

E da commoção Madame Sans-Gêne caiu na sua habitual irritação, vociferando contra tudo e contra todos. Parecia um furacão. Voltando de novo á calma, começou a dar os primeiros passos para essa festa de sacrificio. Fez tudo de afogadilho, com gritaria. Que lhe chamassem o sapateiro, o cabelleireiro, a costureira. E os creados iam e vinham atabalhoadamente, recebendo uma ordem, logo chamados para receberem outra, atropelando-se, perdendo a cabeça. Madame Sans-Gêne chamou Rousotte para que a ajudasse e quando a velha creada chegou junto d'ella caiu-lhe nos braços a chorar.

No meio d'esta desolação, chegou a casa de Lefebvre o astuto Fouché. Madame Sans-Gêne desabafou, contando-lhe a sua afflicção:

— Uma recepção em honra d'aquellas ordinarias!

Fouché acalmou-a. Que não se inquietasse. Tudo correria pelo melhor. Elle a ajudaria e tudo acabaria bem. Iam dar uma lição ás princezas.

Combinaram que durante a recepção Fouché não deixaria um momento só de acompanhar a duqueza, e sempre que ella estivesse na imminencia de commetter uma "gaffe", elle tomaria uma pitada da sua caixa de rapé, de ouro lavrado. Ficou a combinação feita e Madame Sans-Gêne mais tranquilla.

Os salões dos duques de Dantzig estavam soberbos de luxo, esfusiantes de luz e de belleza decorativa. Toda a aristocracia bonapartista e alguns nomes do antigo regimen realista alli ostentavam a sua vaidade. Já tinham chegado as princezas, mas a dona da casa não tinha apparecido a recebe-las, nem ainda se dignara comparecer a saudalas. Era como que nova injuria. Lefebvre apressou-se a apresentar as suas desculpas: a duqueza tivera uma subita indisposição, mas não tardaria a apresentar-se a suas altezas, prestando-lhes as devidas homenagens. Ellas entreolhavam-se, sorrindo. Recomeçava a comedia.

Lefebvre estava sob brasas. Madame Sans-Gêne não tinha indisposição alguma. O que causava aquella demora era a sua complicada "toilette" que não havia maneira de concluir-se. As horas de vestir para essas festas cerimoniaes eram horas de tortura para a pobre lavadeira dos dias agrestes da revolução, habituada a trazer o seu corpo moço em plena liberdade. Fouché, temendo aquella falta de correção, tomava pitada sobre pitada, receando que a sua protegida caisse, com aquella demora, mais ainda no odio das princezas e na má vontade de Napoleão Bonaparte.

## VII

Tinha passado quasi uma hora desde que as princezas haviam dado entrada no salão. Cochichava-se já, pelos cantos, da falta de distincção da dona da casa, que assim deixava de cumprir um dos mais rudimentares principios de cortezia.

Uns, por adulação ao imperador e as princezas; outros por inveja da alta situação que Lefebvre occupava no imperio, incitavam, com brandas insinuações, no espirito das irmãs do Napoleão o odio que ellas nutriam pela duqueza de Dantzig. Por fim, Madame Sans-Gêne surgiu no salão. Abriu-se a clareira nos convidados, para dar passagem á dona da casa. Curvaram-se as espinhas em reverencias hypocritas; entreolhavam-se os invejosos e os perfidos. Madame Sans-Gêne passou indifferente áquellas curvaturas, preocupada apenas com as suas inimigas que, sentadas, esperavam orgulhosas, a sua victima, que queriam ver ali bem submissa e respeitadora.

Fouché, tendo sempre á mão a sua caixa de rapé, seguia-a bem de perto. Approximando-se das irmãs de Napoleão, que mal se dignavam olhal-a de frente, Madame Sans-Gêne começou, timidamente, a apresentar-lhe as suas desculpas pela demora. A timidez durou-lhe pouco. Dentro de instantes, voltou outra vez ao seu natural, com a liberdade das maneiras e do vocabulario, que era tão proprios do seu feitio. Mas Fouché estava vigilante: duas pancadas na caixa de rapé, duas pitadas bem fungadas, e Madame Sans-Gêne corrigiu-se immediatamente, retomando as rigidas attitudes que a cerimonia exigia. Uma larga conti-

nencia feita a contragosto e desageitadamente, e Madame Sans-Gêne libertava-se daquella tortura, indo falar com outros convidados.

Foi nesse momento que ella deparou com o seu velho conhecido, o marechal Ney, militar da velha guarda, franco, leal como Madame Sans-Gêne, amante da sinceridade e da franqueza. Foi como se se encontrassem dois camaradas dos campos de batalha. O rosto de Madame Sans-Gêne imprimiu enorme contentamento e dirigiu-se ao velho heroe de Napoleão com grandes e intensos apertos de mão e com o riso a pairar-lhe nos labios. Ney correspondeu no mesmo tom a essa saudação amiga. Conversaram largo tempo das aventuras da guerra, dos heroismos do exercito. Madame Sans-Gêne, quando lhe falavam da heroicidade dos soldados da França, sentia-se transportada a um outro mundo e toda ella vibrava num soberbo entusiasmo. O encontro de Ney provocou um desses entusiasmos. Quasi se esqueceu de que estava em uma recepção offerecida por ella mesma ás princezas irmãs de Napoleão. Riu, abraçou Ney, serviu-lhe champagne, bebendo em pleno salão em honra dos soldados da França.

Debalde Fouché pitadeava, tossia para chamar-lhe a attenção para as princezas, que riam do seu procedimento, ridicularizando-o com as outras damas. Madame Sans-Gêne, julgando que os avisos de Fouché se referiam ao champagne que ella não offerecera primeiramente ás princezas, foi, presurosa, junto das irmãs do imperador com dois copos na mão. As princezas, olhando-a de alto, orgulhosamente, recusaram-se a aceitar a bebida que ella lhes offerecia. Na sua simplicidade, aquelle gesto era a maxima offensa que aquellas orgulhosas lhe poderiam fazer. E como se não bastasse essa offensa, uma das princezas teve ainda a coragem de dizer a outra:

— Que poderemos esperar de uma vivandeira, habituada a viver sempre no meio de soldados!

Madame Sans-Gêne sentiu subir-lhe o sangue ao rosto. Toda ella vibrou de indignação. Olhou-a, com rancor, tendo nos labios um sorriso de ironia:

— Vivandeira, sim! Fui vivandeira! Habituei-me a lutar e a soffrer com os soldados da França!

Fouché, afflicto, tomou uma, outra e outra pitada de rapé, mas a duqueza de Dantzig a nada attendia:

— Ateveu-se a insultar, a desprezar os soldados do imperador! Mas quem lhes deu os thronos em que se sentam senão esses soldados.

Approximou-se mais de Madame Sans-Gêne e deu-lhe a entender claramente que o caminho que estava seguindo era errado. Madame Sans-Gêne, verdadeiramente fóra de si, impelliu violentamente para longe, e continuou a vociferar em gritos contra aquellas vaidosas princezas, que se tinham atrevido a insultar os seus soldados:

— Se não fossem os heroicos soldados da França, que seriam vocês hoje? Quem lhes deu as honrarias, o dinheiro, o herço em que vivem a não ser esses soldados com as suas dores, as suas lagrimas, as suas feridas? Não consentirei nunca que na minha presença se insultem os nossos soldados!

Era impossivel levar mais longe o escandalo. Fouché estava desolado. As princezas, como unica resposta ás palavras da duqueza de Dantzig ergueram-se das cadeiras em que estavam sentadas e saíram do salão. Dentro em pouco, em casa dos duques de Dantzig não havia um só convidado.

Apenas Lefebvre lamentava a triste situação que sua mulher lhe creara. Fouché estava desolado. Só Madame Sans-Gêne se sentia satisfeita com o que se passára, lamentando apenas não ter dito ás irmãs do imperador tudo quanto tinha dentro do seu coração. Ficára-lhe ainda muito por dizer mas ellas não perderiam muito por esperar. Decididamente aquellas hypocrisias da côrte não se coadunavam com o seu feitio.

No meio da discussão dos acontecimentos, quando já ia alta a noite, uma ordem imperial chegou á casa dos duques de Dantzig: a do comparecimento immediato da duqueza no gabinete do imperador. Lefebvre e Fouché ficaram alarmados. Madame Sans-Gêne sorriu, tranquillizada. Iria. Quem ouvira silvar nos seus ouvidos, sem temer, milhares de balas, não se intimidaria com as ameaças de uma entrevista com um homem, ainda quando esse homem se chamasse Napoleão Bonaparte.

Fez uma ligeira "toilette", envolveu-se em um manto e dispunha-se a sair. Mas alguma coisa lhe esquecera, porque voltou

ao seu quarto, abriu um pequeno cofre e tirou d'elle um papel amarrotado a amarellecido pelo tempo, papel que metteu no seio. E saiu.

A esse tempo, pela calada da noite, um facto grave se passava no palacio imperial. Neiperg, obedecendo ás ordens da imperatriz, procurava introduzir-se no palacio para a entrevista combinada, devendo esperal-o uma dama de Maria Luisa, que o conduziria aos seus aposentos. Neipperg, accedendo a semelhante convite, jogava a sua vida. Mas que lhe importava a vida, se o seu coração se debatia num amor sem esperança, que nem mesmo podia ser confessado á mulher a quem amava?... Não hesitou, não podia hesitar em dirigir-se a essa entrevista, onde encontraria, talvez, ocasião propicia de convencer a filha da sua imperatriz e esposa de Napoleão do louco amor que lhe devorava a existencia.

Neiperg entrou no parque do palacio com o maior desassombro, não e importando ser descoberto. A sua figura recortava-se illuminada pelo luar e pondo-se bem ao alcance de uma bala certa da guarda. Tendo esperado algum tempo, d'elle se aproximou uma dama da imperatriz que o guiou no caminho por onde tinha de seguir. E desapareceu.

Pouco antes tinha entrado no palacio Madame Sans-Gêne que foi introduzida immediatamente no gabinete do imperador, que a esperava ansioso e que a recebeu com um simples acceno de cabeça.

### VIII

Frente a frente, Madame Sans-Gêne e o imperador, iam travar a batalha definitiva. No rosto della, a primeira expressão de pavor desaparecera para dar logar a uma ironia que significava que Madame Sans-Gêne não temia aquelle homem que toda a gente temia e que sabia perfeitamente o lado fraco daquelle dominador do mundo. Napoleão traduzia na sua mascara tão original todo o autoritarismo que elle sabia exprimir diante daquelles que se atreviam a desobedecer-lhe, expressão com que muitas vezes occultava sentimentos de bondade, como acontecia, em geral, quando tratava com mulheres. Em todo o caso, a primeira impressão de Madame Sans-Gêne foi

de terror, impressão que pouco a pouco se apagou.

Bonaparte reflectiu um instante diante daquella figura de mulher simploria que já tanto lhe tinha dado que fazer e que pensar. Tomando uma attitude severa, censurou-lhe que se atrevesse a continuar a injuriar daquella maneira suas altezas publicamente. Era merecedora do mais severo castigo quem não sabia portar-se á altura do nome que usava e assim lançava no ridiculo um dos mais bravos marechaes de França. E em palavras asperas, severas, Napoleão foi dizendo a sua indignação, ora passeando agitado, pelo gabinete, ora aproximando-se de Madame Sans-Gêne, que o ouvia silenciosa.

— Por que assim insultou publicamente, as irmãs do seu imperador?

Madame Sans-Gêne, erguendo o rosto e olhando bem de frente o imperador, declarou firmemente:

— Porque insultaram os soldados da França!

E em palavras nervosas, bruscas, violentas, referiu a Bonaparte o que se passara, como as princezas tinham em sua casa proferido palavras de desprezo e de injuria contra os bravos soldados do imperador. E na sua presença não consentiria que pessoa alguma, fosse quem fosse, tivesse essa ousadia. Ninguem como ella conhecia a lealdade, a coragem, o heroismo dos valentes que tinham levado a gloria do imperio por todo o mundo. Andara com elles nos campos de batalha; soubera como elles conhecer os perigos da guerra.

E Napoleão, sorpreso, interrogou:

— Esteve em alguma campanha?

Madame Sans-Gêne, aproximando-se do imperador, fez descer o decote do vestido, e mostrou-lhe no hombro de jaspe a mancha rubra de uma cicatriz. Napoleão ficou estonteado. Parecia uma creança. O homem autoritario, desaparecera e dos insultos de Madame Sans-Gêne ás princezas já não se lembrava mais. Levou a duqueza de Dantzig para o sofá e obrigou-a a contar-lhe a sua vida nos campos de batalha, como vivandeira. Madame Sans-Gêne referiu toda a sua vida, desde a humilde lavandaria até collocar na cabeça a corôa de duqueza. Napoleão estava encantado. E tanto era o seu contentamento que pegou da ponta d'uma orelha da Madame Sans-Gêne e lh'a puxou.



Era o seu conhecido signal de congraçamento com os seus soldados, com os seus intimos. Mas passados alguns instantes, reflectindo obre a gravidade da situação, que elle tinha de resolver para salvaguardar a sua autoridade o prestigio do seu imperio, voltou á primeira ordem de ideias, procurando convencer que ella devia separar-se de Lefebvre ou renunciar para sempre á vida da côrte com que a sua educação não se

inimigos aproveitavam todas as circumstancias para rebaixa-lo aos olhos do mundo. Aquillo não consentiria elle nunca que continuasse.

Fez-se um brusco silencio. O imperador cançara de fallar. No meio d'aquelle silencio, ouviu-se a voz de Madame Sans-Gêne, lendo lentamente um bilhete, que tirára do seio. Era a carta do tenente Bonaparte em que lhe participava não poder pagar a conta



“Sans-Gêne insulta as irmãs do imperador”

coadunava. Não poderia sair da sua presença sem lhe prometter que faria uma ou outra das duas cousas.

Madame Sans-Gêne não respondia, colhida de surpresa por aquella volta do imperador ás primeiras ideias. Aquelle silencio ainda mais irritava Bonaparte que encontrava em Madame Sans-Gêne uma altivez, um sanguefrio, que elle nunca esperaria. Vociferou, gritou, disse o quanto de ridiculo ella tinha trazido, com os seus habitos e as suas maneiras, á côrte de França, de quem os seus

da sua roupa lavada. Cada uma d'aquellas palavras saltava, lenta e ironicamente, da boca de Madame Sans-Gêne, para que Napoleão as ouvisse bem e as recordasse.

O imperador arrancou-lhe rapidamente das mãos o amarellecido papel e passou n'elle os olhos:

— O que é isto?

— A carta de um freguez pedindo espera de pagamento da sua conta de roupa lavada, conta que pretendo agora cobrar.

Bonaparte sorriu, olhando aquelle do-

cumento eloquente dos seus tempos de miséria. Passaram-lhe, então, na memoria os dias de agruras, de necessidade e de incerteza da sua mocidade atribulada. Quanta luta, quanto esforço, quanta intelligencia e argucia dispendidas para que o pobre tenente, que não tinha dinheiro para pagar a sua roupa lavada, fosse agora o imperador dos francezes e o terror do mundo inteiro!

— Como foi isto, duqueza? Nunca lhe paguei esta divida?

— Não, majestade. Esqueceu-se. E tambem se esqueceu de outra cousa: é que estive quasi a casar commigo.

— Casar commigo?

E Madame Sans-Gêne contou então ao imperador, que a escutava sorridente, a grande paixão que por elle sentira, como o visitara, levando-lhe flores e comida e como elle a recebera bruscamente, mal lhe dando attenção, tão preso estava aos seus estudos.

— Muito tempo não pensei senão em conseguir ser sua mulher. Veja de que se livrou, majestade!... Por fim, vendo que não lhe merecia nem a mais leve sympathia, resolvi riscar-lo da minha memoria. Mas estava escripto que nos haviamos de encontrar na vida. Agora, o senhor quer-me separar do homem a quem amo e que me deu o seu nome. Não está certo. Que não quizesse casar commigo, vá. O senhor era um fidalgo e eu uma lavadeira. Mas que me separe do meu Lefebvre, que quando casou com a Catharine Hubscher era apenas um sargento da Guarda Nacional, isso é que não está certo!

Napoleão, absolutamente suggestionado por aquella franqueza e sinceridade de Madame Sans-Gêne, voltou ás suas boas maneiras, ao seu sorriso. Puxou-lhe novamente a polpa da orelha, no seu habitual gesto amigavel, dizendo-lhe:

— Está bem! Está bem, duqueza! Mas ides prometter-me que o vosso comportamento será d'ora-avante mais correcto, mais commedido, mais proprio da duqueza de Dantzig. Agora preciso pagar essa velha conta. Não gosto de dividas.

E Napoleão Bonaparte, imperador dos francezes, senhor de meia Europa, chefe da mais luxuosa côrte do mundo, começou a procurar nas algibeiras o dinheiro indispensavel. Mas procurou, procurou, voltando todas as algibeiras do avêssô, sem encontrar a mais infima moeda.

— Não posso ainda pagar. Não tenho dinheiro.

— Não faz mal. Eu espero. — disse a sorrir Madame Sans-Gêne.

Napoleão adorava as pessoas de espirito e Madame Sans-Gêne conseguiu assim ser perdoada, mais do que isso, desejada. O imperador quiz baixar-lhe o decote do vestido para de novo admirar a cicatriz. Fez um gesto para a beijar, mas a duqueza de Dantzig repuxou rapidamente o vestido e formalizou-se. Não, não viera alli para isso. Napoleão comprehendeu. Pegou-lhe da mão e beijou-a respeitosamente, conduzindo-a até á porta, com o maximo respeito.

## IX

Quando Napoleão e Madame Sans-Gêne se dirigiam para a larga porta do gabinete, esta abriu-se rapidamente e o vigia indio que sempre guardava o imperador entrou offegante. O imperador estacou. Que havia? Por que entrava assim tão bruscamente no seu gabinete? O indio olhou primeiro descendo ás ordens do imperador, resolveu confiado Madame Sans-Gêne; depois, obedecer:

— O conde de Neipperg dirige-se, na companhia d'uma dama de honor, para os aposentos da imperatriz.

Foi como se alguém tentasse esbofetear Bonaparte. Então esse audacioso austriaco atrevia-se a injuria-lo dentro de sua propria casa?... Não receava o seu poder que lhe infligiria um castigo severissimo?...

Neipperg parecia, realmente, não recear esse poder e esse castigo. Conduzido por uma dama particular da imperatriz, dirigia-se, sem nenhuma especie de medo, para essa entrevista, que o seu coração alvoroçado de amante sem esperanza anciosamente desejava. Tivesse elle a certeza de que a morte o aguardava após esse encontro e marcharia para elle com o mesmo desassombro.

Napoleão mandou que apagassem todas as luzes do gabinete. Pondo-se de atalaia com dois officiaes e o guarda indio, esperou que Neipperg entrasse no corredor que communicava com os aposentos da imperatriz. Quando o infeliz se approximou, os dois officiaes agarraram-no com toda a violencia

e arrastaram-no até ao gabinete. Accessas as luzes, viu-se em frente do imperador, cujos olhos fuzilavam de odio e rancor!

Madame Sans-Gêne viu a grande desgraça que estava imminente. Quiz intervir. Ajoelhou deante do imperador, supplicando clemencia para o desafortunado amante. O imperador repelliu com extremos de violencia, chegando a lança-la por terra.

— Que fazeis a estas horas dentro do meu palacio, sr. general?

Nei perg guardou absoluto silencio, ficando impassivel perante o imperador que parecia querer traga-lo. Aquella attitude ainda mais exasperou Bonaparte. Se Nei perg tivesse respondido, fosse o que fosse, toda a raiva concentrada no coração de Bonaparte se desfaria rapidamente, credulo como era. Mas Nei perg receava comprometter a imperatriz e ao mesmo tempo receava que as palavras o traíssem dizendo ao imperador todo o odio que por elle sentia. Bonaparte de novo o invectivou, gritando-lhe::

— Ordeno-te que respondas!

— Não recebo ordens senão de sua majestade o imperador da Austria.

Napoleão, tremendo-lhe os labios de raiva mal contida, o olhar em relampagos furiosos, deitou a mão aos cordões de Nei perg, insignias de ajudante de campo do imperador da Austria e arrancou-lh'as d'um só golpe, fustigando-lhe com ellas o rosto!

Era demais! Nei perg recuou um passo, puxou da espada e teria com ella atravessado Napoleão se o temivel e forte guarda indio não lhe tivesse dominado o movimento de forma a Nei perg nem se poder mover.

O imperador ordenou em seguida a dois officiaes que entregassem Nei perg ao chefe de policia para que, depois de um processo summario, fosse passado pelas armas, como réo de um crime de lesa-majestade. Não obstante o esforço que Nei perg empregou para libertar-se dos seus algozes foi entregue a Savary com as ordens ditadas do imperador. Savary, homem de vistas pouco largas, com um grande espiritolouvaminheiro e adulator, tratou logo de por em execução as ordens do seu amo e senhor, convencido de que assim se tornaria bem reconhecido, pois ninguem, como elle, sabia do odio que Napoleão nutria contra Nei perg.

Dadas essas ordens, Bonaparte retirou-se de gabinete, colerico, na intenção de pro-

curar saber da verdade, usando de um estratagemma verdadeiramente diabolico, afim de apanhar a imperatriz em flagrante. Antes, porém, previdente como era, ordenou que mandassem chamar a palacio os marechaes Ney e Lefebvre, para que levantassem suas divisões promptas para agir. Elle tinha a certeza de que a Austria não deixaria de tomar represalias pelo seu procedimento.

Madame Sans-Gêne estava apavorada com aquelle acontecimento imprevisto, que punha em perigo de vida um dos seus melhores amigos, em que ella reconhecia grandes qualidades de coração e de character. O seu primeiro movimento foi para tentar a sua salvagão. Mas como?... Como poderia ella, uma simples mulher, combater, destruir as ordens do imperador?... Não correria por egual perigo a sua vida, se tal tentasse?

Veiu tira-la daquella tortura que martyrizava o seu coração o bom amigo Fouché. O antigo chefe de policia de Bonaparte continuava em desgraça. Savary dominava o espirito do imperador e Fouché, apesar de ainda não ter perdido as esperanças andava afflicto por pregar um chéque ao seu rival. Posto ao conhecimento da situação por Madame Sans-Gêne, Fouché começa logo a pensar na maneira de conseguir que Savary caia no desagrado de Napoleão. Para isso o que lhe parecia mais efficiente seria collocar-o em condições de não poder cumprir as ordens imperiaes, isto é, dando fuga a Nei perg.

Se bem o pensou melhor o poz em execução. O seu plano não podia falhar. Pediu a Madame Sans-Gêne que se sentasse e que escrevesse.

Nei perg conhecia-lhe a letra e não duvidaria das instrucções que lhe ministrasse. Madame Sans-Gêne obedeceu e foi escrevendo, não sem pouca difficuldade e com alguns erros de orthographia, a carta em que se lhe ordenava que conseguisse illudir a vigilancia dos seus guardas e mettesse por uma certa porta, cujo logar lhe era marcado e que em seguida entrasse num corredor que o conduziria fóra do palacio. Uma vez ahi, estava nas suas mãos a sua liberdade.

Madame Sans-Gêne ia retirar-se para procurar fazer chegar ao seu destino aquelle bilhete libertador, mas o indio estava vigilante na porta, impedindo-lhe a saida.

Ella e Fouché ficaram um tanto indecisos sobre o que fariam. O antigo chefe de policia não era homem para se deixar vencer, ainda que fosse por um indio forte e resolutivo. A sua arma era mais forte ainda, porque se chamava astucia. Pegou de uma pasta que estava sobre a secretaria, met-ne escrevera e dirigiu-se para a porta da teu dentro a carta que Madame Sans-Gé-saleta onde devia encontrar-se prisioneiro o apaixonado da imperatriz.

perg é que ficou sorpreso e não compre-hendeu immediatamente. Em todo o caso, como a sua alma em semelhante transe precisava desabafar com alguém, aproveitou a indicação que lhe davam. E sentou-se para escrever á sua mãe.

Quando abriu a pasta, os seus olhos espantados caíram sobre o bilhete que Madame Sans-Gêne escrevera. Compreendera agora o estratagemma. Tratou de observar os officiaes que o guardavam e quando os viu



Sans-Gêne consola Neiperg dos seus desgostos

Appareceu um official.

— Senhor official — disse Fouché — sei que o Sr. conde de Neiperg tem necessidade de escrever, na hora angustiosa em que se encontra, as suas derradeiras vontades á sua progenitora. Sua majestade o imperador não se oppõe a esta concessão caritativa. Aqui tendes quanto lhe é preciso para tanto: papel, penna e tinta.

O official, porque era Fouché que lhe falava, não teve um momento de hesitação. Pegou dos objectos e levou-os a Neiperg, repetindo o que Fouché lhe dissera. Nei-

distraidos examinando um mappa da ultima guerra, saiu rapidamente pela porta que o bilhete lhe indicava e viu-se, pouco depois, no corredor que lhe ia indicar a liberdade.

Mas não havia dado ainda uma duzia de passos, quando de todos os lados surgiram soldados, e espingardas apontadas, promptos a descarregar, se elle se atrevesse a avançar. Não reagiu. Foi immediatamente conduzido para a esplanada do palacio, onde após uma rapidissima formalidade, Savary deu ordem para que o passassem pelas armas.

Assim ia morrer na flor da idade um moço com a sua curta vida aureolada de gloria e com a unica mancha de ter erguido muito alto os seus olhares, e tão alto que nunca encontrára um gesto, uma palavra, qualquer coisa que lhe desse a esperança de ser correspondido. Não o amava a imperatriz? Ninguém o saberia dizer, nem muito menos, se amizade existisse, se ella ia além de uma carinhosa amizade de irmã.

Nei perg mostrou-se tranquillo. Não podia temer a morte, quem tantas vezes a tivera diante dos olhos e a desprezara...

## X

Napoleão, na febre que lhe dava o ciúme, estava pondo em execução o seu plano que para sempre o havia de tornar senhor da verdade. Foi collocar-se por detrás das tapeçarias que cobriam os aposentos da imperatriz e ordenou á mesma dama que acompanhava Nei perg que fosse avisar sua esposa de que o conde aguardava o momento de ser recebido.

Era tarde da noite. A imperatriz já se tinha recolhido ao leito, suppondo que Nei perg não viria mais. Na tranquillidade de quem tinha a consciencia serena e sem culpa, não podia suspeitar que a uma duzia de passos dos seus aposentos se estava passando um tremendo drama.

A dama entrou, e, tremula, transmittiu o recado que o imperador lhe ordenara. A imperatriz respondeu tranquillamente.

— Diga ao Sr. conde de Nei perg que já o não posso receber. Que lhe peço que entregue a minha mãe, a imperatriz da Austria, esta carta que vou escrever.

E mesmo no leito, traçou uma carta de poucas linhas em que manifestava o seu contentamento pelo modo como estava sendo tratada na côrte de França e que a sua unica ambição era o amor de seu marido, a quem era devedora de muita gratidão. Fechou a carta, marcou com o seu timbre e deu-a á dama, que immediatamente saiu do quarto. Napoleão saltou sobre a carta, como uma ave de rapina sobre a sua presa.

Entrou, no gabinete, rasgou os sellos e leu rapidamente o que ella dizia. O seu desapontamento e ao mesmo tempo a sua

satisfação foram enormes. Parecia uma creança contente.

Entretanto, na esplanada do palacio o drama ia tendo o seu desfecho tragico. Nei perg caminhava para a morte com a serenidade de um heroe. Despido de todas as suas insignias, sem a sua espada gloriosa, que mesmo quando vencida, fôra sempre nobre, na mente do pobre fidalgo passarant nesse instante doloroso, em que se esperava apenas a voz de fogo para tudo acabar, quantas recordações da sua mocidade elle possuia. Lembrou-se tambem que a sua Patria, a quem elle dedicara tanta energia não o havia de abandonar no esquecimento.

A sua morte, obra da tyrannia de um homem cruel, representaria em toda a Austria como uma deshonra e de toda a parte se levantariam brados de indignação pèdindo um castigo severo.

Colocado em frente do pelotão que o ia fuzilar, recusou a venda com que lhe queriam esconder a imagem da morte que se approximava. O commandante do pelotão deu a voz de apontar e Nei perg, erguendo o busto e cruzando os braços, aguardou a morte com uma grande energia no olhar e uma nobre altivez.

Entretanto, no gabinete de Napoleão encontravam-se de novo com o imperador os personagens que mais ou menos vinham intervindo neste drama. Madame Sans-Gêne, contentissima, convencida de que dera a liberdade a Nei perg, pilheriava com Napoleão, que estava contentissimo, agora que se convencera da innocencia da imperatriz. Lefebvre entrou nesse instante no gabinete imperial. Vinha receber ordens. A divisão estava prompta á primeira voz. O imperador sorriu. Já não era precisa a divisão. Cessara o motivo que ditara essa ordem.

Neste momento Napoleão lembrou-se das ordens terminantes que dera sobre Nei perg. Talvez não o tivessem ainda fuzilado. Era preciso evitar o crime que podia fazer augmentar, pela sua enorme injustiça, o odio que o mundo inteiro votava ao imperador dos francezes. Ia dar ordens rapidas sobre o acontecimento, quando no gabinete entrou Savary, o chefe de policia, e pouco depois Fouché, pitadeando sempre. Savary vinha radiante. Contava com os applausos de seu amo e senhor, a quem procurara servir diligentemente nesta difficil e delicada empresa.

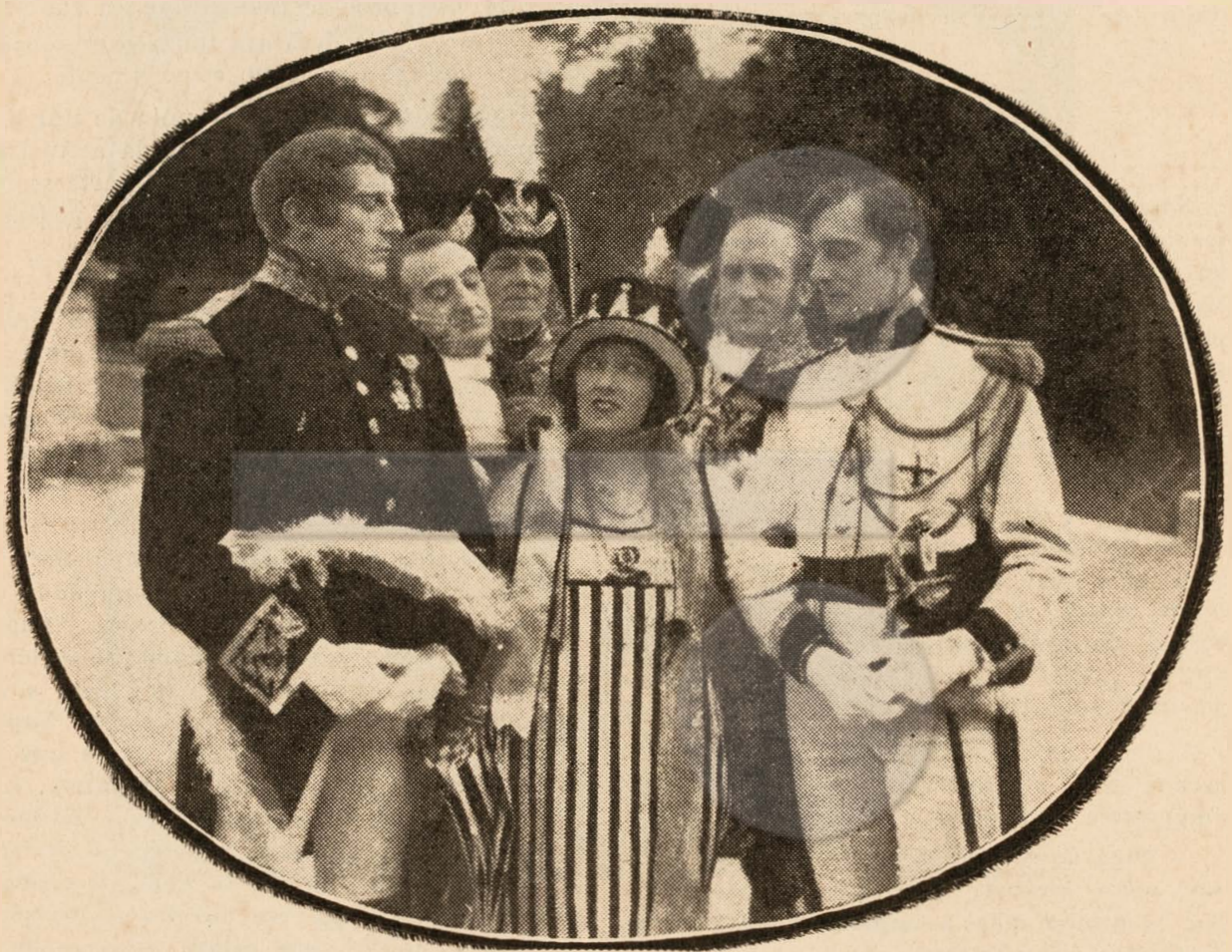
— Que se passou, Savary? perguntou ansiosamente o imperador.

— As ordens de Vossa Majestade foram cumpridas. O conde de Neiperg foi fuzilado.

Um grito de angustia se ergueu de todos os peitos. Napoleão passeava agitadissimo, como de costume. Savary ficara perplexo, sem nada perceber. Só Fouché sorria, de um sorriso enigmático. Approximou-se do imperador e disse-lhe baixo:

imperial nome, puz o conde de Neiperg em liberdade.

Bonaparte respirou. Puxou da caixa de rapé e offereceu á Madame Sans-Gêne, que recusou a gentileza. Tomando a sua pitada, Napoleão olhou friamente Savary, que estava desolado a um canto. Era um homem perdido. Fouché arrebatara-lhe habilmente o lugar. Napoleão achava que tanto merito existe em obedecer promptamente como em



Sans-Gêne era feliz com o seu Lefebvre

— Não se inquiete Vossa Majestade. O conde Neiperg não foi fuzilado.

— Não foi fuzilado?

— Não, meu senhor. Compreendendo quanto esse facto podia contribuir para o desprestigio do imperio e da vossa pessoa, aproveitei o facto do seu chefe de policia não se achar no local e dei uma contra ordem ao commandante do pelotão, que julgou que eu ainda occupava o meu antigo cargo. Deste modo, e a mando do vosso

desobedecer criteriosamente. Um homem que possui um logar de confiança e responsabilidade deve não só pensar em obedecer, mas tambem na necessidade ou possibilidade de desobedecer. Savary não soube desobedecer.

Napoleão, depois daquella noite de tranquillidade, resolveu-se a retirar para os seus aposentos. Agradeceu a Madame Sans-Gêne que lhe tivesse assistido em tão grave conjunctura, e beijou-lhe respeitosa-mente a mão. Madame Sans-Gêne, enquanto

o imperador, curvado, lhe osculava a mão direita. dava com o cotovello esquerdo paucadas no peito de Lefebvre, apontando-lhe num riso de troça a figura do imperador. Dominara a fêra.

O imperador retirou. Madame Sans-Gêne vencera plenamente. Ninguem a se-

pararia do seu Lefebvre. Levantou-lhe a manga da fardeta. No braço lá estava o juramento sagrado: "Sans-Gêne por toda a vida!" Beijou a tatuagem e depois lançando-se-lhe nos braços, cobriu-lhe o rosto de beijos, muitos beijos, beijos que pareciam não ter fim.





**No proximo numero:**

**A unica mulher**



**Emocionantissimo**

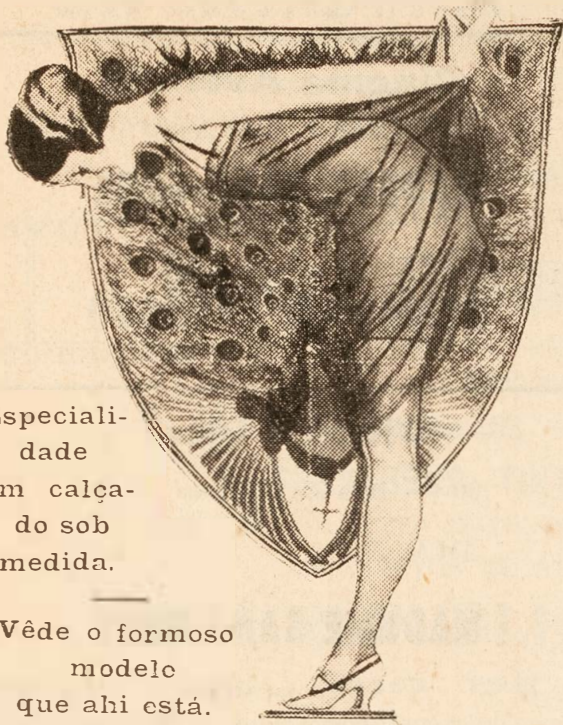
**drama com**

**Norma Talmadge**





CASA SENCARELLI  
RUA ALMIRANTE BARROSO n. 5 (Aven.)



Especiali-  
dade  
em calça-  
do sob  
medida.

Vêde o formoso  
modelo  
que ahi está.

Comprem calçado

sómente de  
pelica

V O D E

Todas as côres

MOURA FONTES

AGENTE REPRESENTANTE DA

Agencia geral de livraria e de publicações

7 - RUE DE LILLE - 7

PARIS

RUA THEOPHILO OTTONI, 67

RIO DE JANEIRO

Telephone N. 7101 — End. Telg. AGLIBRAIRI

Stocks de todos os editores francezes scien-  
tificos e litterarios.

ELEGANCIA

BOM GOSTO

E MODICIDADE

São os requisitos que distinguem os vesti-  
dos para Senhoras e Senhorzinhas da casa

“AGUIA DE OURO”

169, OUVIDOR

Não comprem sem visitar as nossas ex-  
posições com os preços marcados.

“AGUIA DE OURO”

169, OUVIDOR

TELEPHONE NORTE 1792

Cinematographos

Compra-se, vende-se e troca-se materiaes de cabine PATHE'  
e GAUMONT, novos e usados. Aluga-se aparelhos completos  
para exhibições em festas. Encaarrega-se de qualquer serviço de  
installações em qualquer parte

Peçam informações a

FRANCISCO DE OLIVEIRA

Rua Barão de Ladario, 20 A -:- (ANTIGA DAS MARRECAS) 180

# Cartazes do mez

## Cinema Avenida

DIA 17

### MADAME SANS-GÊNE

com GLORIA SWANSON

BREVE

### BEIJOS EM EXCESSO

com RICHARD DIX

## Cinema Ideal

60 — Rua da Carioca — 60

DIA 7

### MADAME SANS-GÊNE

com GLORIA SWANSON

## Cinema Central

DIA 10

### A EVASÃO

OBRA PRIMA DE

WILLIAM DE L'ISLE ADAM  
NO PALCO

Os mais celebres numeros de variedades  
que se exhibem na America.

# IMPORTADORES E EXPORTADORES

Unicos depositarios dos Cofres "GARANTIA"

TELEPHONE 6177 CENTRAL — Codigos: A. B. C. 5ª Ed. e RIBEIRO

Endereço telegraphico: "GUIMA"

## Moreira Guimarães, Lima & C.

Successores de

J. F. Moreira Guimarães — Moreira Guimarães & C.

**FERRAGENS, TINTAS, LUBRIFICANTES**

Material de ferro para canalisações d'agua e esgotos

ARTEFACTOS DE ALUMINIO E BORRACHA

**RUA REPUBLICA DO PERÚ' 33**

**RIO DE JANEIRO**

## FERRAGENS, TINTAS E VERNIZES

IMPORTADORES

**J. TEIXEIRA & C.**

LOUÇAS, ELECTRICIDADE E ARTIGOS PARA CORRIEIRO E ARITMARINHO

*Especialistas em ferragens para construcções, Marçecaria e Carpintaria, etc., etc.*

*Cutelaria de Rodgers e Greaves, Serras e artigos diversos  
para machinas, Rotin, etc., etc.*

**182, RUA S. PEDRO, 184**

Telephone 718 Norte

**RIO DE JANEIRO**

## MINHAS SENHORAS!

*Quereis ter um córte de ca-  
bello verdadeiramente modelar?*

*Procurae a*

**CASA CASTILHO**

*na Avenida Almirante Barroso  
n. 5, onde encontrareis tambem  
deliciosas perfumarias estran-  
geiras e nacionaes.*

## A LUNETTA DE OURO

Artigos religiosos, imagens, paramentos, har-  
moniuns, oculos, pince-nez, binoculos,  
optica e livros religiosos

OFFICINA DE ESCULPTURA — Encarnação  
e concertos de imagens, batinas e vestes  
sacerdotaes

**Balsemão & Cia.**

**84 — RUA DE S. JOSE' — 84**

Telephone Central 4621 — Caixa Postal 1.598  
End. Teleg. "AURELIO" — RIO DE JANEIRO

— A —

# “Bibliotheca-Film”

que o publico tem recebido com lisonjeira aceitação,  
recebe pedidos nos seus escriptorios, á

**Avenida Rio Branco, 134, 2º — Teleph. Central 1099**

para os numeros já publicados, que são:

- I — MÔNSIEUR BEAUCAIRE  
com Rodolpho Valentino
- II — O INFERNO DE DANTE  
com os melhores artistas da Fox-Film
- III — O BEIJA-FLOR  
com Gloria Swanson
- IV — O CORCUNDA DE NOTRE DAME  
com Lon Chaney
- V — FOGO, CINZAS E NADA  
com Ramon Novarro
- VI — MADEIXAS DE OURO  
com Shirley Mason
- VII — O CAPITÃO BLOOD  
com Warren Kerrigan
- VIII — OS DEZ MANDAMENTOS  
a mais notavel super da Paramount
- IX — IRONIA DA SORTE  
com Lon Chaney — Norma Shaerer — John Gilbert
- X — OS LOBOS  
Film super da Empreza de Films d'Arte Portugueza
- XI — RAFFLES, com House Peters
- XII — MULHER CUBIÇADA. com Seena Owen.

**Preço de cada exemplar, 1\$000**